

DOI: <http://dx.doi.org/10.5902/2236672537011>

Recebido em: 26/02/2019. Aprovado em: 06/03/2020.

**LINGUAGENS EMOTIVAS DE GUERRA E PAZ:
PROJETOS ESPÍRITAS DE PROMOÇÃO
DE UMA CULTURA DA PAZ.**

*EMOTIONAL LANGUAGES OF WAR AND PEACE: SPIRITISM PRO-
JECTS FOR THE CULTURE OF PEACE*

*LANGAGE EMOTIF DE GUERRE X LANGAGES DE PAIX : PROJETS
SPIRITES DE PROMOTION D'UNE « CULTURE DE LA PAIX »*

*LENGUAJES EMOTIVOS DE GUERRA Y PAZ: PROYECTOS ESPÍRITAS
DE PROMOCIÓN DE UNA "CULTURA DE LA PAZ"*

Amanda Gomes Pereira

 <https://orcid.org/0000-0002-7174-3843>

RESUMO: Na cidade do Rio de Janeiro, nas últimas décadas, projetos seculares e religiosos foram elaborados como alternativas de promoção de uma “Cultura da Paz”. Este artigo descreve as articulações desenvolvidas por um grupo de familiares de vítimas da violência urbana, inseridos em uma rede espírita, com suas linguagens e práticas de paz que se opõem à guerra, ao ódio e à vingança. Morte e sofrimento se entrelaçam às trajetórias dessas pessoas, estabelecendo uma circulação de emoções em diferentes dimensões. Os dados aqui apresentados são resultado de pesquisa de doutorado realizada entre 2010 e 2014, junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Aqui, são contadas as histórias das famílias vítimas que tiveram seus filhos e filhas assassinadas de forma violenta e que, a partir das mensagens psicografadas, passaram a buscar os caminhos da paz, da caridade e do perdão, criando novos sentidos para a perda. Projetos espíritas que promovem a *gestão do luto* através das categorias *trabalho* e *missão*, centrais aos processos de construção e manutenção dessa rede familiar, sustentada em diferentes planos – espirituais e material.

* Doutora em Ciências Sociais; Professora Adjunta de Sociologia no Curso de Ciências Humanas, Campus São Bernardo, da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), São Luis, MA, Brasil; e-mail: gomespereira_amanda@yahoo.com.br

Palavras-chave: “cultura da paz”; missão; trabalho; projetos seculares e religiosos.

ABSTRACT: *In Rio de Janeiro, in the last decades, secular and religious projects were developed as alternatives for promoting a Culture of Peace. This article presents an account of the articulations made by a group of several victims' relatives affected by urban violence. The group forms a Spiritism network, with its own means of expression and peace practices that reject the war, hatred and vengeance. Death and suffering are interwoven in these people's lives, prompting a circuit of emotions in different dimensions. The data presented is the result of a PhD research carried out between 2010 and 2014 at the Postgraduate Program in Social Sciences at the State University of Rio de Janeiro. Here are narrated stories from families whose children were violently murdered, and, after contact with psychographed messages, they started to look for peace, benevolence and forgiveness, thus making new senses for loss. Spiritism projects which promote the handling of mourning by means of labor and mission as categories are central to the process of construction and maintenance of that family network, supported in different planes – spiritual and material.*

Keywords: “culture of peace”; mission; labor; secular and religious projects.

RÉSUMÉ: *Dans la ville de Rio de Janeiro, dans les dernières décennies, des projets séculaires et religieux ont été élaborés comme alternative de promotion d'une « Culture de la Paix ». Cet article décrit les articulations développées par un groupe de proches de victimes de la violence urbaine, inscrits dans un réseau spirite, avec ses langages et pratiques de paix qui s'opposent à la guerre, à la haine et à la vengeance. Mort et souffrance s'entremêlent aux trajectoires d'eux, établissant une circulation d'émotions dans de différentes dimensions. Les données présentées ici sont le résultat d'une recherche de doctorat menée entre 2010 et 2014, au sein du Centre de Recherche en Sciences Sociales de l'Université de l'Etat de Rio de Janeiro. Ici, on raconte des histoires de familles victimes, dont les enfants ont été violemment tués et qui, à partir de la psychographie de messages, ont entamé une quête vers les chemins de la paix, de la charité et celui du salut, créant de nouveaux sens pour la perte. Projets spirites qui promeuvent la gestion du deuil au travers les catégorie travail et mission, fondamentaux au processus de constructions et maintenance de ce réseau familial, soutenu dans différents plans – spirituels et matériel.*

Mots-clés: « culture de la paix »; mission; travail; projets séculaires et religieux.

RESUMEN: En la ciudad de Rio de Janeiro, en las últimas décadas, se elaboraron proyectos seculares y religiosos como alternativas para la promoción una “Cultura de Paz”. Este artículo describe las articulaciones desarrolladas por un grupo de familiares de víctimas de violencia urbana, insertos en una red espírita, con sus lenguajes y prácticas de paz que se oponen a la guerra, el odio y la venganza. La muerte y el sufrimiento se entrelazan con las trayectorias de estas personas, estableciendo una circulación de emociones en diferentes dimensiones. Los datos presentados aquí son el resultado de una investigación doctoral realizada entre 2010 y 2014, en el Programa de Posgrado em Ciências Sociais de la Universidad Estatal de Rio de Janeiro. Aquí se cuentan las historias de las familias víctimas que asesinaron violentamente a sus hijos e hijas y que, a partir de los mensajes psicografados, comenzaron a buscar el camino de la paz, la caridad y el perdón, creando nuevos significados para la pérdida. Proyectos espíritas que promueven el manejo del duelo a través de las categorías trabajo y misión, centrales en los procesos de construcción y mantenimiento de esta red familiar, apoyados en diferentes planos: espiritual y material.

Palabras clave: “Cultura de Paz”; Misión; Trabajo; Proyectos Seculares y Religiosos.

A cidade do Rio de Janeiro, representada como Cidade Maravilhosa com seus cartões postais e belezas naturais, após os casos de violência que circularam na mídia na década de 90 passou a ser vista como um local de insegurança, com seus moradores reféns de uma guerra. As notícias sobre os arrastões em praias cariocas e a foto dos corpos enfileirados das vítimas da Chacina de Vigário Geral, difundidas no país e no mundo, contribuíram para a representação da cidade como violenta – com seus habitantes imersos em um contexto de guerra. Essa representação fez surgir diferentes perspectivas e análises sobre a questão da violência urbana e sobre as formas de combatê-la.

Algumas das análises sobre o tema ressaltaram uma “*acumulação social da violência*” vinculada a processos de *sujeição criminal* de uma parcela da população carioca nos últimos anos, principalmente a partir do período de redemocratização aos dias atuais. Os fatores históricos que levaram a esse *acúmulo social da violência*

são diversos. A ampliação do mercado de varejo de entorpecentes com a entrada da cocaína, a vinculação com as redes internacionais do narcotráfico, as disputas pelo território por comandos rivais e o aumento do custo para manutenção das redes de troca de *mercadoria política* fizeram com que os confrontos entre facções rivais e o enfrentamento com policiais em territórios de pobreza aumentassem. Cenários de violência foram difundidos pela mídia nacional, justificando discursos de *justiçamento* e de vingança a qualquer preço.

Nesse processo, dispositivos de governo da população surgiram, com atores disputando narrativas, ações e políticas públicas em torno das categorias de “*violência e de crime, caracterizando territórios da cidade e seus habitantes*” (Birman, 2012, p. 211). Os sentidos e meios para obtenção da paz que surgiram como alternativas a esse contexto diferem em perspectivas distintas. Uma alternativa de promoção da paz está no extermínio de parcela da população alijada em regiões periféricas da cidade. Tanto o extermínio da vida dessa população, como seu extermínio do convívio social são vistos como solução para a questão da violência. A representação da cidade em guerra permite o surgimento de uma *cultura do medo* que altera a relação dos moradores com a cidade e que, segundo Márcia Leite (2000), contribui para o afloramento de discursos que defendem uma solução violenta para a situação da violência.

Na tentativa de se opor a violência, a paz surge como uma categoria importante para mobilizar os setores de classe média no Rio de Janeiro que almejam a interrupção das mortes em suas áreas da cidade. Os recursos de promoção da paz, contudo, nem sempre operam de modo a incluir as mortes daqueles submetidos à *sujeição criminal*, moradores de favela, majoritariamente pobres e negros.

A partir das denúncias das ações de extermínio realizadas pelo *aparato civil e militar* do Rio de Janeiro, propostas de pacificação alternativas são pensadas por representantes da segurança pública. Como aponta Rafael Barbosa (2012), foram muitas as estratégias utilizadas no *governo* das populações residentes em favelas. A criação das Unidades de Polícia Pacificadoras (UPPs) se destaca como uma dessas ações que causou grande impacto na vida dos moradores. Contudo, a experiência das UPPs buscou a promoção da paz

sem o abandono da linguagem e das ações de guerra. A ideia de pacificação foi atualizada na mesma chave interpretativa de “guerra ao crime”. Nesse sentido, a implementação das UPP’s ocorreu sem romper com a representação das favelas como territórios que devem ser contidos, sendo sua população civilizada através da *normalização dos comportamentos* (Barbosa, 2012). O policiamento de proximidade, nesse contexto, foi pensado a partir do pressuposto da “guerra”.

Nesse cenário em que a violência urbana atinge de forma diferenciada os moradores da cidade, surgem narrativas e linguagens que se contrapõem as soluções propostas pelas instituições policiais. Como destaca Birman & Leite (2004, p.10), o que é designado como “‘violência urbana’ não recai da mesma maneira sobre as pessoas, nem é por elas igualmente tematizado”.

Dessa forma, as perspectivas acerca da violência são controversas e antagonicas. As estratégias e ações que buscam a construção de uma *cultura da paz* também são diversas e se pautam em estratégias diferenciadas sobre a gestão da violência. Uma das alternativas que surge a partir de ações de representantes da sociedade civil defende a ampliação do acesso aos direitos pelos moradores de favela.

A paz, sob esse prisma, estaria vinculada a políticas de segurança pública que primassem pela garantia do respeito aos direitos humanos, negligenciados pelas ações e operações policiais.

A Organização Não Governamental (ONG) Viva Rio, através de diversos atos públicos e campanhas – como o abraço à Candelária e o Mural da Dor –, promoveu a intercessão dos discursos políticos e religiosos, transferindo para os espaços públicos as narrativas privadas dos sentimentos de dor e de medo. A dramatização desses sentimentos compartilhados pelos cidadãos, que vivenciam a violência como realidade cotidiana e/ou simbólica, promove uma catarse coletiva:

Politizando a religião e religiogizando a política, esses movimentos vêm agregando indivíduos diferenciados em termos de crenças religiosas, pertencimento social, local de moradia, convicções políticas etc. em diversos atos e campanhas por tolerância, solidariedade e paz. Ao fazê-lo, atualizam no plano local uma tendência global de crescente presença de atores religiosos na cena política, entrelaçando valores, discursos e rituais referidos a cada um desses domínios (Leite, 2004b, p.1).

Os diversos atores que participaram da fundação dessa organização, bem como de outros movimentos sociais vinculados a ela, apregoavam, através desses atos, a necessidade de invenção de uma “religião civil” que promovesse uma *virada simbólica* no seio da sociedade, desvinculando a opinião pública dos discursos de ordem a qualquer preço – discursos esses que justificavam como legítimas as ações policiais de extermínio de menores e adolescentes (Leite, 2004). A “religião civil”, ao explorar valores fortemente vinculados aos sentimentos, promoveria a adesão subjetiva à *cultura da paz* que, segundo Patricia Birman (2004), operaria:

[...] de forma polissêmica: estaria presente ideal ou virtualmente em todos os comportamentos, seria também o grande fundamento da vida social – do ponto de vista substancial, forjaria o patrimônio da humanidade –, com seus símbolos e suas histórias (Birman, 2004, p.255).

A promoção da *cultura da paz* representaria uma alternativa aos discursos vinculados à “metáfora da guerra” e aos “mitos que sustentam grande parte do pacote interpretativo que estrutura, atualmente, o problema da violência no Rio de Janeiro e o horizonte de propostas e medidas para seu controle e redução”. (Machado & Leite, 2007, p.548). Desse modo, através da movimentação da linguagem dos sentimentos de solidariedade e compaixão, essa *religiosidade* no sentido amplo traduziria os sentimentos negativos de vingança e medo – vinculados à dor vivenciada pelas vítimas da violência urbana – para a linguagem dos direitos humanos como expressão pública das reivindicações por justiça dessas vítimas. Esses movimentos organizados pela ONG Viva Rio tiveram forte apelo religioso como instrumento de mediação dos conflitos sociais associados à violência urbana na cidade (Leite, 2004). A paz, almejada e desejada, seria alcançada a partir de uma adesão subjetiva, capaz de transpor os antagonismos e conflitos latentes na sociedade, imersa em desigualdades sociais e econômicas, bem como profundamente diferenciada do ponto de vista do acesso a direitos.

Por mais que tenha havido esforços para forjar um sentido único para a paz, os discursos nunca foram unânimes. A elaboração

desse sentido único tentou escamotear os conflitos que subjazem a esse campo. As dinâmicas de produção da paz na metrópole carioca se constituem em um terreno extremamente conflituoso. Diferentes versões entrecruzam esse contexto, elaboradas por diferentes grupos e atores do Estado e da sociedade civil. Essas propostas e alternativas fazem parte do contexto em que surgiu o coletivo espírita de familiares de vítimas da violência, com quem tive contato durante minha pesquisa de campo.

Diferentemente dos outros movimentos de vítimas da violência urbana, em que a linguagem moral da cólera é traduzida para a linguagem dos direitos pela atuação dos grupos e organizações de direitos humanos, no grupo de pais e mães com o qual tive contato durante a pesquisa, uma das formas de tradução ocorre pela via religiosa – fruto do seu forte conteúdo moral que embasa a atuação política dessas famílias.

As suas ações político-religiosas de promoção de uma *cultura da paz* tiveram efeitos na cidade e engendraram mudanças subjetivas. Ao aderirem ao espiritismo no processo de elaboração do luto, esse grupo fomentou novas interpretações e reações ao contexto da violência urbana. A alternativa à guerra proposta por eles está baseada na transformação de corações e na adesão subjetiva à *cultura da paz*.

A minha pesquisa se orientou para compreender como um grupo de classe média, atingido por mortes relacionadas ao campo da violência, aderiu à *cultura da paz* através do espiritismo. Privilegio os processos e as formas pelas quais a religiosidade espírita se apresentou como o melhor caminho para essas famílias elaborarem suas perdas, alternando os caminhos políticos buscados de início – que visavam, sobretudo, reformas do código penal – com linguagens de perdão e superação da dor. Os dados aqui apresentados são oriundos da minha pesquisa de campo e de leituras de livros espíritas utilizados pela rede espírita de familiares de vítimas da violência – essenciais para a compreensão de termos e de referências utilizados pelo grupo.

Durante os quatro anos de doutorado, desenvolvi a pesquisa etnográfica acompanhando as famílias em sessões de psicografia, em

curso de formação política, em agendas de movimentos sociais, em atos beneficentes, assim como estive presente em festas familiares, com almoços e jantares em que a presença do ente querido era evocada em lembranças, destacando como esse familiar gostava de estar presente nessas reuniões. Características pessoais, cheiros, gostos, costumes, traços da personalidade dos filhos e filhas se uniam ao cheiro do café e da mesa cheia de comida e afetos. Se em minhas primeiras visitas, em 2010, o choro era presente, com o passar dos anos, o carinho ao falar de seus filhos era o que sobressaía. Foram quatro anos em que, entre trocas de doce de leite e compartilhamento de rotinas, me percebi ocupando espaços afetivos e participando de suas vidas.

A partir da participação nas sessões de psicografias tive contato com esse grupo de familiares que, além de partilharem em comum o fato de terem perdido seus filhos e filhas em um contexto de violência, é majoritariamente composto por pais e mães de policiais civis e militares. As mensagens psicografadas, com suas *linguagens de paz*, se opõem as práticas e *linguagens de guerra* que circulam nos meios de comunicação e estão presentes no cotidiano dos agentes de segurança pública. É esse processo de transformação a partir do “controle das emoções” promovido por esse grupo de familiares, inseridos em uma rede espírita, que será apresentado neste artigo.

Trabalho e missão: um grupo formado na espiritualidade

O ponto de encontro inicial do grupo de familiares de vítimas da violência, que tive contato durante a minha pesquisa de doutorado, foi a missa de sétimo dia de falecimento de João Hélio. Em torno desse caso, essas famílias, tocadas pela percepção que tinham acerca da insuportabilidade da violência, exigiam ações enérgicas do poder público no enfrentamento da questão. Nesse primeiro momento de atuação, em que esse grupo se articulava com diferentes atores da sociedade e representantes do Estado, deslizamentos entre os discursos de justiça e justicamento fizeram parte da denúncia encenada por eles no espaço público que, dentre as reivindicações, estavam presentes propostas de reformas no código penal brasileiro. Senti-

mentos de ódio e vingança se misturavam as tentativas de estabelecimento de uma agenda política capaz de solucionar o “problema da violência” na metrópole carioca.

O contato dessas famílias com seus filhos e filhas a partir das psicografias e psicofonias propiciou uma transformação de suas emoções – antes vinculadas a sentimentos de ódio e vingança – e a elaboração do luto. Um processo de controle das emoções estimulado pelas mensagens dos filhos e filhas. Pelas mensagens, os pais e mães são convidados a trilhar o caminho do perdão.

Antes de adentrar no universo de pesquisa, serão destacados alguns dados e informações acerca do Espiritismo com o intuito de propiciar uma compreensão mais ampla ao leitor. A chegada os primeiros contatos da população brasileira com a doutrina espírita kardecista ocorreu por volta de 1986, quando *O Livro dos Espíritos* passou a transitar na bagagem dos viajantes oriundos da França (Giumbelli, 1997). Desde então, o número de adeptos desse grupo religioso vem aumentando, e, de acordo com os dados do último censo, 3,8 milhões de brasileiros se declararam espíritas – cerca de 2% da população. Quanto ao nível de escolaridade, os dados ressaltam que é entre eles que se encontra o maior grau instrucional, comparado a outras denominações religiosas.

No processo de elaboração do luto das famílias vítimas da violência urbana – parte da minha pesquisa –, médiuns e a rede espírita desempenham um papel fundamental. O meu campo esteve restrito a cidade do Rio de Janeiro. Porém, nas psicografias analisadas e no livro “Policiais de Volta”, a história de famílias do estado de São Paulo está também presente. Em pesquisa realizada por Ceres Victora & Monalisa Siqueira (2018) com pais e mães de jovens que morreram na tragédia ocorrida na boite Kiss, a espiritualidade e as cartas psicografadas estão presentes de maneira muito similar ao vivenciado durante minha pesquisa de campo.

Na página do projeto “Amor Além da Vida”, organizada por Élson, pai de João Hélio, na descrição do projeto que eles desenvolvem, há um depoimento sobre como a relação dessas famílias foi estimulada pela rede espírita. No relato, ao participar das sessões e se unirem pelo mesmo desejo de receberem as mensagens de seus

filhos e filhas, os médiuns com os quais esses familiares entraram em contato relataram que o grupo foi formado na *espiritualidade* – quando essas pessoas estavam desencarnadas, *vivas no Plano Invisível*. A descrição também destaca que o grupo tem um objetivo, uma *missão* específica, “*consolar corações feridos pela saudade dos seus entes queridos*”.

O Grupo Amor Além Da Vida é formado em sua grande maioria por pais que sofreram a perda ou desencarne precoce de seus filhos. Ao longo do tempo, mais pessoas passaram a integrar o grupo, embora todas elas tenham sofrido a falta física de algum ente querido. Inicialmente o objetivo do grupo era confortar entre si todos os integrantes que sofriam a mesma dor então percebeu-se que compartilhar a dor era melhor que passá-la sozinho. Alguns integrantes do grupo iam em “caravanas” a cidade de Lorena em busca de uma carta consoladora de seus filhos ou entes queridos. E então através da mediunidade, fato confirmando por médiuns de diferentes cidades, foi dito que este grupo já existia na espiritualidade e tinha o objetivo de consolar corações feridos pela saudade (Parte retirada da página do Projeto Amor Além da Vida, no Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/projetoamoralemdivida?fref=ts>>. Acesso em: 15 de maio de 2015).

A categoria *missão* desempenha um papel central nos agenciamentos desse grupo de familiares de vítimas da violência. Pais e mães compartilham suas *missões* com os filhos e filhas desencarnados, ampliando a rede de familiares, sustentada em diferentes planos – espirituais e material. Ao promover o amparo das famílias em situação semelhante de perda dos filhos e entes queridos, a atuação desse grupo tem por objetivo o conforto e aceitação, contribuindo para que outras famílias não se revoltem.

A resignação diante da vida serve como modelo de construção de subjetividades para os membros do Projeto *Amor Além da Vida*. As ações do médium Chico Xavier, pautadas no controle das emoções, são seguida pelos familiares que promovem mudanças em suas subjetividades ao aderirem ao projeto espírita de construção da paz. A paz, tão almejada por eles, é gestada no interior de cada

um, a partir da superação da perda, do luto e dos sentimentos de revolta e vingança, assim como pela adoção de linguagens e práticas voltadas para a promoção da paz. A aceitação e resignação diante dos fatos levam ao abandono da *linguagem da guerra* por essas famílias. O trabalho de divulgação das sessões e mensagens espíritas, desenvolvido como *missão* por esses pais, tem por objetivo impedir que outros pais e mães que perderam seus filhos e filhas se revoltem contra *Deus* e *se distanciem da misericórdia do amor divino* (Parte retirada do livro *Cartas Consoladoras*, de coautoria do médium Rogério Leite com quatro espíritos).

Esses processos compreendidos pelas famílias, de adesão subjetiva a paz pelo controle das emoções, em muito se assemelham com o processo civilizador pelo qual passou o Ocidente a partir da modernidade (Elias, 1993). Fruto de uma mudança da “conduta” e dos “sentimentos humanos”, esse processo levou a cabo a sublimação da força física e a restrição da expressão dos afetos. O monopólio da força física pelo Estado cria um *aparato de autocontrole mental que emerge com traço decisivo embutido nos hábitos de todo ser humano “civilizado”* (Elias, 1993, p.197). É esse autocontrole que emerge e ganha novas tonalidades pela ótica da religiosidade espírita que, a partir do conceito de *evolução* do espírito rumo a perfeição, estabelece a base de transformação das emoções promovida por esse grupo de familiares. Sob esse prisma, o termo justiça ganha significados distintos, dependendo dos contextos em que é acionado. Há uma diferenciação entre a justiça, segundo as legislações correntes, e a justiça divina – de difícil compreensão, porém, para os adeptos dessa religiosidade, inquestionável.

Dessa forma, para Francilene e Diraison, Élson e Rosa, bem como para Sr. Orlando – que fazem parte do *Projeto Amor Além da Vida* –, a possibilidade que tiveram de se comunicarem com seus filhos após a morte representa um sinal de que foram escolhidos para desempenharem um *trabalho* na terra – que orienta e dá sentido a vida deles após a perda. Para eles, as mortes de seus filhos não foram em vão, mas são interpretadas, como parte de um projeto divino de transformação e de *evolução* de suas *consciências*. São pessoas que se consideram mais próximas da *evolução* eterna após a morte de

seus filhos. As *ações sociais* de caridade, a organização das sessões de psicografia e a manutenção da comunicação com os filhos são os eixos de atuação do projeto desenvolvido por esse coletivo e que se articula com os projetos desenvolvidos pelos médiuns espíritas.

Há vários mundos que se conectam para a doutrina espírita. Esferas de desenvolvimento nas quais os espíritos alcançam a evolução. A pessoa, composta de uma natureza material e espiritual, se desloca entre muitos planos de existência até atingir a perfeição do espírito. Nessas diferentes etapas, mundo terreno e planos espirituais ora se opõem, ora se complementam.

Nos *mundos espirituais*, o ódio, a raiva, o rancor e outros sentimentos negativos, segundo a doutrina, não estão presentes. Enquanto os espíritos estão ligados a esses sentimentos, eles se mantêm em um plano em que passam por tratamento, semelhante a um hospital. Como *individualidade moral*, a pessoa deve buscar sempre sentimentos positivos se quiser atingir a eternidade divina. Da mesma forma, na tentativa de se comunicarem com espíritos de entes queridos desencarnados, as pessoas devem vibrar sentimentos positivos.

Élson, pai de João Hélio, acredita que sentimentos como raiva e revolta atrapalham a comunicação com o filho. Por causa disso, ele e sua esposa evitam ter contato com informações e notícias sobre o caso do filho para não alimentarem esses sentimentos. Ao controlar a raiva, e outros sentimentos negativos, os pais do menino buscam se distanciar dos aspectos terrenos e materiais da vida social. Nesse sentido, para o espiritismo, os indivíduos devem se dedicar aos aspectos espirituais e se distanciar dos aspectos, sentimentos e desejos materiais da existência.

Salvar o seu algoz, para Thiago – policial civil assassinado em 2006 durante uma tentativa de assalto ao seu carro quando regressava de uma festa com amigos – é vista como uma estratégia para que ele ascenda espiritualmente. Ao agir assim, ele se capacita para que interceda pela evolução de seus familiares. Seu *trabalho espiritual* coopera para que se alcance o objetivo da doutrina espírita. Além disso, seu espírito segue um dos mandamentos de Cristo “*Amar ao próximo como a ti mesmo*”. Ao seguir esse mandamento, o espírito de Thiago multiplica simpatia e contribui para o processo

de purificação da humanidade. Como ele destaca em um das suas mensagens, é no exercício da caridade e do amor que o espírito alcança a evolução: “*É na interação em prol dos semelhantes deste e do outro lado da vida que a alma se aperfeiçoa*” (Espírito Thiago Pinheiro de Castro [psicografado] Rogério Leite, 2011, p.98). Thiago ressalta ainda que procurou *na interação e no trabalho ocupar a mente e o coração em favor dos semelhantes* para, assim, conseguir se desprender do sentimento de revolta. O trabalho atuaria, sob essa ótica, como recurso para aquisição de sentimentos mais elevados.

A categoria trabalho – vista pela cosmologia espírita como categoria purificadora – estaria atrelada a outros aspectos como a iniciativa, postura e dedicação. Não é exigido apenas o trabalho dos espíritos habitantes das colônias dos *planos espirituais*, mas a dedicação, a satisfação em servir, e a percepção dele como uma grande dádiva oferecida por Deus aos homens. Um direito amplamente valorizado: “*somos felizes, porque temos trabalho; e a alegria habita cada recanto da colônia, porque o Senhor não nos retirou o pão abençoado do serviço*” (Espírito André Luiz [psicografado] Francisco Cândido Xavier, 2014, p.38).

Dessa maneira, o trabalho desenvolvido no *plano espiritual*, na cosmologia espírita, possui valor maior do que o trabalho realizado no *plano material*. Se no *plano material* o espírito adquiriu *culpas*, as missões que ele desenvolverá no plano espiritual permitirão que ele se limpe. No caso específico da minha pesquisa de campo, o *trabalho espiritual* dos filhos, realizado em consonância a *missão* desenvolvida pelos pais, contribui para a *promoção da paz*, nos dois planos, e para a evolução da humanidade, ou seja, corrobora para o surgimento de novos arranjos e projetos civilizacionais.

Os filhos e filhas do coletivo de familiares de vítimas, ao desenvolverem seus trabalhos no plano espiritual, conquistam adeptos para a doutrina espírita. A evolução do espírito e da humanidade, finalidade do espiritismo como ressaltai anteriormente, está atrelada a projetos civilizacionais desenvolvidos no Ocidente. No caso específico do coletivo de familiares de vítimas da violência urbana, suas ações estão voltadas para projetos de mudanças subjetivas de *promoção da paz*. Dessa forma, a transformação de corações para os

discursos da paz faria cessar os atos e ações violentas. No caso dos filhos e filhas policiais civis e militar, o trabalho terreno atrelado ao combate e a morte letal, no plano espiritual promove a vida e eternidade dos espíritos – deles mesmos, dos seus familiares e dos seus supostos algozes.

Missão, trabalho e caridade se tornam os elementos centrais na construção de narrativas espíritas de articulação de uma *cultura da paz*. Como destaquei anteriormente, a paz almejada, no contexto do Rio de Janeiro, é gestada de diferentes formas e vinculada a projetos de governo distintos.

O espiritismo praticado pelo coletivo de familiares de vítimas da violência estabelece um *processo civilizador*, através do trabalho, instrumento de pacificação de si e de controle das emoções. É pelo trabalho de se *autogovernar* contra sua agressividade, que a evolução e paz são alcançadas por esse grupo. O autocontrole das emoções consideradas negativas, – raiva, rancor, inveja, cobiça – relacionadas aos discursos de *justiçamento*, leva a adesão de novos modelos de conduta.

Mensagens espíritas: o estabelecimento da paz sustentada em vários planos

Devido ao fato de que na sociedade brasileira o espiritismo kardecista ser difundido por obras literárias, pela teledramaturgia e pelo cinema, alguns de seus princípios são conhecidos por parcela significativa da população. Os princípios dessa religiosidade e seu projeto civilizacional estão bem difundidos em nossa sociedade. Termos como *carma*, reencarnação e narrativas ficcionais sobre outras vidas são utilizados por pessoas que não participam das reuniões nos centros espíritas. Além disso, as múltiplas formas de comunicação com familiares falecidos, por sonhos, sinais, mensagens e outras manifestações estão presentes nas narrativas tanto de pessoas que se declaram espíritas, como das que não se declaram.

Como Stoll (2009) destacou, a literatura espírita está presente de diversas formas na sociedade brasileira. Essa literatura movimen-

ta o mercado editorial e, recentemente, tem movimentado também o mercado audiovisual. Dessa forma, mesmo que a pessoa não se considere espírita, ela acaba tendo contato com alguns princípios das doutrinas. Para as pessoas que frequentam os centros por causa das *psicografias* e da possibilidade de comunicação com os entes desencarnados, os médiuns sempre recomendam a leitura das obras e o estudo da doutrina.

Nas psicografias recebidas pelos familiares de vítimas da violência, os espíritos contam aos seus pais e parentes que estão trabalhando após as suas mortes. Em suas mensagens, eles tranquilizam seus familiares quanto aos seus estados atuais, descrevendo curiosidades acerca de suas vidas após a morte. André, filho do Sr. Orlando, em uma de suas mensagens, traz informações sobre o local em que seu espírito se encontra: “*Nossa colônia é um lugar de aprendizado constante. Estou ajudando aos jovens e dando minha colaboração amiga*”. (Espírito André Gustavo Lopes Rocha [psicografado] Rogério Leite, 2011, p.39). Em outra mensagem, André tranquiliza seus pais dizendo que está *vivo e trabalhando*, ressaltando que os tiros não tiraram sua vida, pois ele permanece vivo em outro plano.

As mensagens – cujo objetivo é inspirar nos pais e familiares a certeza de que a vida de seus filhos permanece em outras esferas –, nas psicografias, vêm acompanhadas de notícias de que os filhos prosseguem a “*jornada de mãos dadas ao trabalho que edifica e constrói*” (Parte retirada do livro *Cartas Consoladoras*, Rogério Leite, 2011). Após o período de recuperação – tempo indeterminado na cosmologia espírita, necessário para que o espírito se restabeleça após a morte e tome consciência de sua nova condição –, os filhos narram que começaram a dedicar-se a um *trabalho* diferente do realizado quando exercia a função de policiais. A presença desse tema em grande parte das mensagens enviadas pelos filhos dos familiares que fazem parte do *Projeto Amor Além da Vida* demonstra o quanto a categoria se relaciona com os princípios espíritas de *gestão da vida e da morte*. O trabalho realizado como policial – como destacado por André em uma das cartas, *truculento*, parte de um sistema em que ações sem desenrolam nas dobras do legal e do ilegal – é *civilizado* nos planos espirituais. A força física dá espaço às ações de amor,

caridade e de compartilhamento de *missões* que conectam atores que se opõem historicamente no contexto da violência urbana na cidade do Rio de Janeiro.

O contato com as psicografias e a leitura dos livros espíritas permite que os pais e mães de familiares vítimas da violência – inseridos nessa rede espírita – utilizem os vocabulários desse campo religioso corriqueiramente nas conversas, naturalizando-os como referências comuns a todos e todas. Assim, nos diálogos, eles fazem menção a termos como *colônia*, como se esses representassem uma referência comum. Tal fato demonstra a presença dessa doutrina em suas vidas cotidianas. A percepção de mundos que compartilham experiências distintas e, desse modo, se complementam, permite não apenas o trânsito de espíritos, mas também de palavras e ações, construindo campos semânticos que circulam. O *plano material* e os *planos espirituais* se espelham, produzindo interferências. Sob essa ótica, o espírito não apenas se comunica, mas também opina, interfere, intercede e age diretamente na vida dos seus familiares encarnados e na de pessoas desconhecidas.

No amparo de outros policiais desencarnados nos planos espirituais e no contato entre suas famílias, essa rede vai se ampliando e estabelecendo conexões em diferentes cidades e estados, fazendo circular afetos, projetos, histórias de vida e *missões*. E sobre um desses projetos, central para o início e desenvolvimento dessa rede, que pretendo me ater com maior afinco nas páginas seguintes.

Projeto Cartas Consoladoras

A relação estabelecida pelos médiuns com os familiares é um fator central no estabelecimento e manutenção de uma rede de projetos e ações entre as famílias. O engajamento nos projetos dos médiuns promove a organização e difusão desses, reunindo centenas de pessoas em torno de um mesmo objetivo: a superação da dor através da comunicação com os filhos e filhas *desencarnados*. As vidas dessas famílias se entrelaçam, levando esses pais e mães a elaboração de *projetos de vida* que permitem habitar novamente os espaços da metrópole após a perda e o luto.

Na elaboração dos seus projetos – individuais e sociais –, os médiuns dialogam com mães (famílias) e organizações que contribuem – direta e indiretamente – para seus projetos. Rogério Leite e Marli e o projeto Cartas Consoladoras desenvolvido por ambos desempenha um papel central nas trajetórias de vida desse grupo de famílias.

Rogério, médium de Lorena, adota uma postura que quebra com a perspectiva do médium Chico Xavier – que ficou conhecido nacionalmente e se tornou um ícone do espiritismo kardecista no Brasil –, ao possuir hábitos e comportamentos *atrelados à matéria*. Sua vida não é gestada tendo por pressuposto a construção de um *modelo exemplar*, similar à vida de um santo. Rogério não é celibatário e, na época da pesquisa, estava em seu segundo casamento – casado com Marli, médium que o acompanha em suas viagens com o projeto “Cartas Consoladoras”. O médium tem o hábito de fumar e nunca escondeu esse aspecto de sua vida dos seus seguidores. A ação espírita que desenvolve se relaciona com o seu trabalho de comunicação com o *plano espiritual*, conhecido nacionalmente pela circulação do seu projeto pelo país, pelas caravanas que vão a Lorena durante todo o ano e por programas televisivos, vinculados a canais abertos de televisão de grande audiência. Nesses programas o trabalho do médium é apresentado – sendo algum deles: Mais Você, Profissão Repórter, Programa do Netinho.

O nome do projeto desenvolvido pelo médium Rogério H. Leite é uma apropriação da forma como Chico Xavier nomeava as psicografias direcionadas aos familiares enviadas pelos “*entes queridos desencarnados*” pelo intermédio de sua mediunidade. As cartas, em sua maioria, endereçadas às mães, eram recebidas durante as sessões públicas de psicografia organizadas por Chico Xavier em Uberaba, Minas Gerais. O objetivo das psicografias, segundo o médium, era oferecer *conforto* aos que sofrem a perda e o luto. Segundo reportagem sobre as cartas psicografadas pelo médium mineiro, as mensagens dos filhos tinham por objetivo a elaboração de um trabalho comum de caridade desenvolvido por pais e filhos: “*O espírito do filho trabalharia junto aos pais nessa missão caritativa. Ajudar, portanto, era uma forma de os pais se aproximarem do filho que partiu*” (Reportagem Jornal da Fraternidade. Disponível em: <<http://fraternidades.com.br/>

Jornal_maior_2012.pdf>. Acesso em: 16 de maio de 2015, grifo meu).

As cartas consoladoras, nessa perspectiva, representam uma forma de elaboração do luto, ampliando o conceito de família – abrangendo os frequentadores das redes espíritas que se organizam em busca das psicografias – para esses pais e mães que passam a “*cuidar de filhos de pessoas que não são sangue de seu sangue: ‘Só há uma maneira de sair inteiro de uma tragédia como a nossa: esquecer um pouco de si e tentar fazer a vida ao redor ser um pouco melhor’*” (Depoimento de Célia Diniz, uma das mães que inspirou o filme “As mães de Chico”, presente no Jornal da Fraternidade. Disponível em: <http://fraternidades.com.br/Jornal_maior_2012.pdf>. Acesso em: 16 de maio de 2015, grifos meus). Assim, as sessões públicas de psicografia, inicialmente realizadas pelo médium Chico Xavier, surgiram como uma proposta de elaboração do luto e, em alguns casos, de *produção de sistemas de verdade e justiça*. Os desdobramentos dessas sessões, através da atuação de outros médiuns, promoveram a formação de coletivos que se organizaram em torno de projetos comuns.

Ao assumir o nome utilizado pelo médium Chico Xavier para se referir as psicografias enviadas por filhos, filhas, maridos, esposas, mães e pais desencarnados, com o intuito de confortar o luto dos familiares que permanecem nos *planos materiais*, Rogério assume sua vinculação ao trabalho e projeto do médium mineiro. Do mesmo modo que as sessões públicas de psicografias realizadas por Chico Xavier buscavam consolar os que sofrem a perda e o luto, o projeto do médium Rogério H. Leite, realizado juntamente com a médium Marli Mansini, percorre diversas regiões do país realizando palestras e sessões públicas de psicografias tendo por *missão consolar* os que sofrem com a *passagem de um ente querido para os planos espirituais*. Através do projeto, esses médiuns promovem a elaboração de coletivos de familiares, fomentados pelas sessões mediúnicas que aproximam famílias que perderam seus filhos e filhas em contextos e situações semelhantes. No caso dos pais de policiais que se uniram na escrita do livro “Policiais de Volta”, o encontro entre eles aconteceu na sede do centro presidido por eles, em Lorena. Esse encontro foi citado em uma das mensagens psicografadas presente no livro.

Desse modo, os familiares de vítimas do Rio de Janeiro, ao organizarem caravanas até Lorena – local em que os médiuns estão a frente de um centro espírita – no começo da minha pesquisa em 2010, passaram também a se unirem para trazê-lo ao Rio de Janeiro e, desse modo, permitir que outras famílias tivessem acesso ao projeto e as mensagens psicografadas. Ao enviarem mensagens para os pais e mães amigos, os espíritos fomentam a criação de redes e relações entre eles. Em minha pesquisa de doutorado, que teve como ponto de partida a participação de uma reunião na casa dos pais do João Hélio no Méier para a organização da vinda do médium Rogério Leite para o Rio de Janeiro, pude participar dessas sessões e presenciar o quanto o discurso das emoções é movimentado. Essas emoções acabam por fortalecer os elos e vínculos entre esses familiares que passam a estarem presentes no cotidiano uns dos outros. Assim, quando na mensagem de André para os seus pais Orlando e Vera, ele enviou um recado de Thiago para o casal Francilene e Diraison, os elos desses familiares no *plano material* foi estimulado pelos filhos, com a mediação do médium. Filhos e médiuns promovem a formação de coletivos entre os *pais encarnados*. São relações estabelecidas a partir de planos distintos de mediação.

Como parte do processo de elaboração das psicografias pelo médium é público, ou seja, o médium psicografa em uma mesa, na frente de todos presentes na sala, pensar no médium Rogério, para mim, é lembrar-me dessa cena: ele e a médium Marli, sentados em uma mesa, psicografando, tendo como música de fundo rock progressivo – o mesmo estilo de música que escutamos quando acessamos o blog do seu projeto “Cartas Consoladoras”.

O som introspectivo prepara o público para o momento posterior, a leitura das psicografias. Essas escolhas de *performance* do ritual do médium, sempre me desgastaram muito emocionalmente. A imagem de Rogério e suas escolhas performáticas sempre me pareceram soturnas. Suas roupas escuras, seus anéis, a foto dos familiares falecidos na mesa durante o momento de psicografia, tudo isso me pareceu soturno e sombrio, estabelecendo uma relação com a morte e passagem de muito sofrimento, contrário ao efeito esperado “superação da dor e da perda”

As imagens e representações vinculam uma linguagem sombria à morte. O médium psicografa tendo as fotos das pessoas desencarnadas sobre a mesa. Essas fotos são colocadas pelas famílias que participam das sessões a pedido do médium. Diferente dos médiuns Fábio e Hércules – com os quais tive contato durante a pesquisa – que se vestem com roupas claras, Rogério se veste de cores escuras e se mostra introspectivo e tímido.

O *Projeto Cartas Consoladoras* possui ramificações, que são eventos e caravanas organizadas pelos familiares em diferentes regiões e cidades do país. No Rio de Janeiro, o projeto ganhou o nome de *Amor Além da Vida* – como já foi mencionado anteriormente – cuja proposta inicial é amparar, principalmente, pais e mães que perderam seus filhos e filhas de maneira semelhante. Tendo por símbolo o desenho do menino João Hélio, com a palavra PAZ reproduzido abaixo, a imagem busca sintetizar a proposta do grupo, a elaboração do luto, coletivamente, em uma cidade em que, segundo eles, a violência urbana produz várias vítimas, todos os dias.

O desenho do menino, utilizado como foto do perfil da página do projeto *Amor Além da Vida* em uma rede social, é o símbolo do grupo. Em uma das sessões, o médium ressaltou que o contexto da violência urbana da metrópole carioca exige um projeto específico, voltado para as milhares de vítimas fruto dessa violência. O curto período de vida do menino João Hélio no plano terreno estaria vinculado à criação desse projeto, que faria parte da *missão* do seu espírito e da sua família, que é “*amparar os corações que sofrem com as mortes violentas*”, “*levar a paz a quem conheceu a morte e as consequências da violência*”. O surgimento desse projeto, segundo o médium, foi uma sugestão do próprio menino. Em uma de suas mensagens, o menino convocou seus pais a criar um grupo de apoio aos pais e mães que sofrem a perda de seus filhos e filhas, principalmente aqueles que perderam seus filhos no contexto da violência urbana. O caso foi relatado na reportagem publicada no Jornal O Dia, no dia 21 de novembro de 2010. A partir dessa sugestão, vinda dos planos espirituais, segundo o médium, seu projeto na cidade carioca começou a direcionar a sua mediunidade para a atuação nesse contexto específico.

A mediação elaborada pelo médium Rogério H. Leite aciona linguagens ligadas as propostas de solução do “problema da violência”. Sua atuação não se restringe apenas em intermediar as mensagens que os filhos e filhas enviam para os seus familiares. Quando participei das sessões de psicografia na casa dos pais do João Hélio, pude presenciar a atenção e a dedicação do médium Rogério com o grupo de familiares. Ao final das sessões, ele se reunia com o grupo responsável pela organização do evento, realizava uma oração de encerramento, conversava e atendia o grupo, escutando suas histórias e suas impressões sobre o evento.

O contato desses familiares com o médium e a proximidade estabelecida entre eles contribuiu para o fortalecimento dessa rede. O livro “*Policiais de Volta*” foi publicado em 2011, no auge das atividades do médium Rogério H. Leite no projeto *Amor Além da Vida*, na cidade do Rio de Janeiro.

Figura 1 - Reportagem: Vítimas da violência enviam mensagens psicografadas às famílias

20 - RIO DE JANEIRO

DOMINGO, 21 DE 2010 - O DIA

Do outrolado da vida, o conforto que ameniza a dor

Vítimas da violência enviam mensagens psicografadas às famílias

FRANCISCO BISSON ALVES

francis@band.com.br

Convidando muitas vezes com a impudência e a insolência da Justiça, parentes de vítimas que morreram de forma violenta no Rio têm encontrado alento no plano espiritual. As chamadas cartas de consolo, psicografadas por médiuns, além de servir de alívio para a dor dos que perderam entes queridos, vêm sendo fontes de força e esperança para outras pessoas que enfrentam tramas semelhantes.

Zely Maria Vidal Leite Ribeiro, 60 anos, mãe do filho, egresso de banco Marcelo Vidal, foi assassinado com um tiro no pescoço numa emboscada supostamente armada pela própria mulher, há dois anos, transformando as cinco mensagens que diz já ter recebido dele em livretos. Os exemplares são distribuídos a outras suas entidades.

"Através do médium Rogério Leite, de Lorena (SP), meu filho prova que sua alma evolui a cada dia. As mensagens me trazem paz, serenidade, compreensão", diz Zely.

VIVA VOZ

ZELY MARIA VIDAL

60 anos, mãe de Marcelo Vidal

"Não fossem essas mensagens, estaria completamente louca, em algum hospício por aí"

Evangélica, ela conta que, logo na primeira sessão, em 11 de julho de 2009, em meio a 150 pessoas, Rogério a chamou e psicografou uma carta com a assinatura "inconfundível" de Marcelo.

LEMBRANÇAS EM DETALHES

"Meu filho me elogiou por ter vindo o preconceito religioso e citou detalhes inconfundíveis, como a bandeira do Flamengo colada sobre seu cadáver. Mencionou seu apelido de infância (Thurdeval) e os nomes e apelidos dos amigos do time do qual era artilheiro. Hoje, ele continua sendo meu artilheiro, mas os gols são suas mensagens de amor", afirma ela.

Em outra carta, Marcelo agradece a iniciativa da publicação em sua homenagem, elogia a obra, o dia e o local onde foi assinado, bem como o modelo e a placa do carro que usava. Também informou que estava bem e pedia para que a mãe confiasse na Justiça, sem, no entanto, guardar rancor de seus algozes.

"Já estou distante do tempo em que a revolta e a indignação tornam conta do meu coração", psicografou na quarta mensagem. "Não fossem esses contatos, estaria louca num hospício", destaca Zely.

Zoraide Vidal, 62 anos, mãe da policial civil Ludmila, assassinada aos 24 anos por três bandidos em 2006 - ela foi torturada e teve o corpo carbonizado em Imbaré, Duque de Caxias -, garante já ter recebido mais de 20 cartas psicografadas da filha. "São bálsamos de conforto para mim. Sinto emoções diferentes a cada mensagem. Elas instigam meu espírito de luta por justiça", diz. No dia 2, na Cinelândia, ela será uma das líderes de uma caminhada pela instituição do Dia das Vítimas de Violência Urbana no Rio.

Zely com o livretinho que fez com as mensagens do filho. "Me sinto reconfortada"



ESPERANÇA

Cartas pedem confiança na Justiça

■ A mãe de Francilene Pinheiro de Castro, 59 anos, é que assinou a certidão da constante presença espiritual do filho, o policial civil Thiago Castro, morto em 2006, aos 28 anos, durante um assalto em Cascadura. Desde então, ela diz ter recebido mais de 30 cartas de consolo do filho.

"Ainda mantenho o quarto dele, que transformei numa espécie de santuário. Ele só me dá notícias boas, alegrias, pois é muito extrovertido. Me conta que, junto com mais três policiais que também morreram violentamente, está preparando um livro com mensagens de solidariedade, que deverá ser escrito em breve através de Rogério", detalha Francilene.

Segundo ela, Thiago está constantemente preocupado com a saúde dos parentes. "Na última carta, deu uma bronca no pai (Dilson, 65), advertindo-o para

fazer exame de próstata", conta, sem conter o riso.

Andrea Siqueira, 43 anos, mãe de Thiago Ozon, executado em 2008 por PMs, já expulsou, em Jacarepaguá, os surpreendidos quando buscou contato paranormal com o filho, que tinha 19 anos. "Já recebi três mensagens. Ele pede que eu não sofra mais, pois os assassinos não conseguiram tirar o grande amor que sentimos um pelo outro", afirma, emocionada.

Em outra carta, Thiago pede para que o pai, o empresário Sérgio Ozon, que é separado de Andrea, "confie na Justiça dos homens". Inconformado com a lentidão do processo e ameaçado de morte, ele oferece R\$ 10 mil para quem der pistas sobre o paradeiro de Luiz Carlos Cerqueira Ribeiro, um dos três acusados, considerado foragido. Os outros dois respondem em liberdade.



Francilene transformou o quarto do filho, o policial Thiago Castro, morto durante assalto, em um santuário

Figura 2 - Reportagem: vítimas da violência enviam mensagens psicografadas às famílias



Fonte figuras 3 e 4: Reportagem do Jornal O Dia

O livro *“Policiais de Volta”* foi escrito em 2011 por Rogério H. Leite, com a colaboração de quatro policiais falecidos, cujos pais e mães frequentaram as sessões mediúnicas do médium. A forma como o livro foi escrito e organizado – a intercalação de mensagens psicografadas com os depoimentos, a introdução escrita por um major e psicólogo da Polícia Militar do Estado de São Paulo – ressalta a interpretação e a perspectiva do médium sobre os casos e sobre a situação da violência urbana que incide sobre as camadas médias da população, tanto do Rio de Janeiro como em São Paulo.

O livro é um dos resultados das ações desse coletivo que se

formou através do entrecruzamento do projeto *Cartas Consoladoras* e o *Projeto Amor Além da Vida*. A obra é fruto do encontro de dois coletivos de familiares de vítimas: o *Projeto Amor Além da Vida* e a *Caravana Irmãos do Caminho*. Esses projetos surgiram a partir do contato desses familiares com o trabalho desenvolvido pelos médiuns Rogério e Marli. O casal Francilene e Diraison e Sr. Orlando, integrantes do projeto *Amor Além da Vida* conheceram o casal Clóvis e Edileuza e Joana D'arc em uma sessão de psicografia ocorrida em Lorena, São Paulo, na sede do centro fundado pelo médium.

Os projetos “Cartas Consoladoras” e “Amor Além da Vida” se configuram como projetos elaborados pelos mediadores da rede espírita – médiuns e familiares vítimas da violência urbana. Ao participarem desses projetos, familiares vítimas da violência urbana forjam novas subjetividades, se posicionando de forma diferenciada na sociedade. Esses projetos provocam mudanças nos locais de fala e nos conteúdos das falas dessas famílias. A partir da experiência de comunicação com os seus filhos e filhas, esses pais passam a se apresentar em programas de televisão, testemunhando as transformações que as mensagens psicografadas provocaram em suas vidas. A partir da mudança de *gramáticas emocionais*, esse grupo passou a se dedicar ao exercício da caridade e à organização e divulgação das sessões desenvolvidas pelos médiuns – com seus projetos.

No começo do livro “Policiais de Volta, uma amiga de Francilene, cujo depoimento foi elaborado a partir de um pedido dessa mãe, define o médium Rogério H. Leite com as seguintes palavras: “*médium que há muitos anos tem se dedicado a consolar as famílias vítimas da violência através do intercâmbio espiritual*” (Depoimento de Maria José Amaral, presente no livro *Policiais de Volta*, Leite, 2011, p.21). Esse depoimento publicado ressalta a percepção das famílias e das redes nas quais elas estão inseridas, de que o médium usa sua espiritualidade especialmente a favor daqueles que perderam seus familiares em contextos de violência urbana

Os policiais retratados no livro têm em comum o fato de seus pais e mães fazerem parte de coletivos de familiares que se uniram em busca das mensagens psicografadas dos filhos falecidos. As fotos dos quatro policiais compõem a capa do livro. Thiago, André, Mau-

rício e Carlos Henrique são coautores e incentivadores do trabalho desenvolvido pelo médium.

O projeto do livro foi desenvolvido por Rogério em colaboração com os policiais, seus pais e mães. Thiago, filho de Francilene e Diraison, é um dos incentivados do livro. A elaboração faz parte do *trabalho espiritual* que ele desenvolve no *mundo invisível*. Por ser um trabalho coletivo, se relaciona também com a *missão* de seus pais, desenvolvida no *Projeto Amor Além da Vida*. Em uma das sessões do projeto, em setembro de 2010, Francilene, recebeu a seguinte mensagem do seu filho:

Mãezinha Fran, meu pai Diraison,

Aqui estou para, nesta tarde, dividir a caneta com o André, ambos precisamos nos dirigir aos que amamos, embora eu e ele, assim como os Senhores temos compreendido ao universalizar a natureza deste sentimento. “O tempo passa como um barquinho levado pelo vento, só não leva o amor que vivemos todo momento”.

Então mãe, vamos por pra quebrar através do livro?

Sabe mãe, Jesus nos ensinou que não devemos colocar a vela abaixo do alqueire, a senhora me conhece, embora em alguns assuntos eu tenha sido cauteloso, e prudente em outros, eu fazia como a senhora, colocava para fora. Concordo com o nosso amigo neste sentido.

Se o amor deve ser enunciado que o seja, se levamos pedradas propagando a mensagem de Jesus será por que ele nos aceitou na condição de seus servos. É melhor ser apedrejado tentando divulgar a sua mensagem do que receber confetes de braços cruzados.

Penso que o livro no qual eu, André, o Maurício e o Henrique seremos co-autores, seria de grande valia a mães como a senhora, presentes neste salão, que tiveram a vida de seus filhos ceifada de forma covarde e violenta pelos que se opõe à lei. Para tanto vou transcrever o material que o amigo necessita, já que ele anda tão ocupado e nervoso:

Atestado de Óbito, Boletim de Ocorrência, 1 ou 2 mensagens psicografadas por nosso amigo em que melhor identificou o seu filhão aqui, referência a mensagens, perfil psicológico do rapaz bonito aqui. São cópias a serem entregues a ele o mais rápido possível (psicografia de Thiago enviada a sua mãe Francilene. Arquivo pessoal dos familiares das vítimas, grifos meus).

Como estava presente nessa sessão em que Thiago enviou a mensagem a seu pai e sua mãe falando do livro e convidando-os para participarem do processo de elaboração dele – uma vez que ele seria um dos coautores –, fiquei muito interessada com a publicação e por esse motivo Francilene me presenteou com o livro durante uma formação que participamos juntas.

As mensagens de três dos quatro policiais coautores do livro são antecedidas por informações retiradas do inquérito policial. Antes das mensagens e psicografias de André, Maurício e Carlos Henrique, Rogério traz partes retiradas do boletim de ocorrência para apresentar os casos. Essas informações *apresentam* os casos ao leitor que irá ler as mensagens psicografadas e os depoimentos dos familiares. Assim, antes de termos contato com as mensagens psicografadas de André, por exemplo, o caso é apresentado da seguinte forma:

O procedimento investigatório foi deflagrado para apurar os coautores do Latrocínio que vitimou fatalmente o policial civil André Gustavo Lopes da Rocha, lotado em vida na DAS fato ocorrido em 21.05.2006 na circunscrição da 20 DP-Grajaú, conforme o RO 2571-06.

Segundo o apurado, a vítima encontrava-se por volta de 18h40min, juntamente com sua esposa e o filho menor, no veículo VW FOX, cor vermelha, placa LCI 9775, na Rua Itabiana, em frente ao número 220, bairro Grajaú, quando *elementos* ocupando uma CITROEN C3, prata, placa DRN roubado na mesma circunscrição minutos antes, emparelharam para praticar um roubo, seguindo-se de imensa troca de tiros devido a pronta reação da vítima. Durante a troca de tiros o policial André foi atingido fatalmente e ficaram feridos pelo menos dois autores, sendo que um deles foi socorrido no Hospital do Andaraí, onde foi preso (Trecho retirado do livro “Policiais de Volta”, Rogério Leite, 2011, p.36).

Ao introduzir partes retiradas do boletim de ocorrência, o médium narra essas histórias se apropriando da linguagem policial e de um sistema de construção de provas e verdades. As primeiras mensagens dos quatro coautores relatam o momento do *desencar-*

ne deles e o processo de tomada de consciência da nova condição, como *espíritos*. A leitura do livro, e desses trechos retirados desses boletins, traz uma descrição dos fatos com a utilização dos seguintes termos: latrocínio, elementos, roubo, vítima, óbito. São palavras e documentos que inserem o *local de fala* da narrativa desse livro. Desse modo, a obra traz uma perspectiva sobre a violência urbana a partir do ponto de vista do policial.

A contracapa do livro traz a foto do médium, com um texto em forma de síntese, escrito por ele.

Na apresentação do livro “Políciais de Volta”, escrita por Rogério Leite, o autor ressalta que a obra é dedicada: aos pais que perderam seus filhos em situação semelhante, para que tenham *certeza da imortalidade da alma*; e aos aspirantes e oficiais de polícia, a quem ele homenageia através do livro. Os policiais, que têm suas histórias narradas, são *personagens* e coautores, descritos e caracterizados de forma romaneada nos depoimentos de seus familiares. As famílias testemunham as transformações provocadas nelas a partir do recebimento das mensagens dos filhos desencarnados.

Este é um livro depoimento.

Os personagens integrantes deste livro foram jovens policiais vítimas da violência e já não se encontram no mundo físico, entretanto, conservam sua individualidade no mundo espiritual e através da psicografia contataram seus familiares entregando-lhes o lenço perfumado da consolação e da esperança.

Acredito que essa obra possa contribuir como material de reflexão aos que inesperadamente tiveram seus filhos subtraídos dos seus braços de maneira tão inesperada quanto infeliz. Entretanto a misericórdia de Jesus é percebida em toda a sua abrangência protagonizando de forma direta ou indireta que nenhuma lágrima tenha sido derramada em vão.

Que os aspirantes a policiais e oficiais de polícia, junto as corporações da força pública recebam a nossa singela homenagem.

Homenageamos igualmente aos familiares que perderam fisicamente seus filhos no combate a violência.

Eles estão apenas invisíveis aos seus olhos, mas não estão ausentes, eles estão de volta (Trecho retirado do livro “Políciais de Volta”, Rogério Leite, 2011, pp.13-14).

O prefácio do livro é escrito por um major e psicólogo da Polícia Militar de São Paulo. Para o major, a leitura da obra representa uma ação terapêutica aos policiais. Ao falar da profissão policial, ele ressalta uma perspectiva que não distingue policial militar de policial civil, e define a profissão como tendo por *missão* construir a paz e tranquilidade a partir do risco, do confronto, ou seja, da guerra. O livro parte dessa perspectiva de que a violência é construída por um grupo que se opõe à lei e que os policiais são heróis que estão dispostos a morrer pela paz e tranquilidade dos *cidadãos de bem*,

Quando saímos para trabalhar, não sabemos se voltaremos vivos para a casa. Esta frase é um grande bordão do policial, que tem a tônica de sua profissão na defesa do cidadão, muitas vezes entrando em confronto armado com infratores da lei para garantir a segurança das pessoas de bem.

O policial honesto e bem intencionado, conhecendo as provas trazidas até o médium espírita Rogério H. Leite, certamente sairá de sua residência menos apreensivo, mais confiante. Trabalhará com menos estresse, tendo a certeza que as dificuldades e obstáculos do seu dia-a-dia sempre lhe trarão grandes aprendizados.

O policial zeloso de suas responsabilidades estará preparado emocionalmente para um possível desfecho trágico de um tiroteio.

É fundamental e tranquilizador o entendimento de que situações decisivas não ocorrem ao acaso. Elas tem um importante objetivo no desenvolvimento espiritual de quem as vivencia” (Prefácio do livro “Policiais de Volta”, escrito por um major e psicólogo da Polícia Militar de São Paulo, 2011, p.16).

Nesse depoimento, podemos perceber que o livro é dedicado aos familiares de vítimas da violência e aos policiais vivos, que permanecem atuando em suas profissões. Sob essa perspectiva, o major acredita que o contato com essas mensagens pelos policiais em exercício representaria um alento às suas angústias diárias, promovendo neles uma maior aceitação dos perigos e destinos trágicos que, segundo ele, são inerentes a essa profissão. Assim, não são apenas os pais e mães que são convidados a trilhar os caminhos de paz e perdão, mas também os policiais “honestos e bem intencionados”, inseridos em contextos de violência. Ao invés de revolta, eles se tor-

nariam obedientes aos desígnios divinos, aceitando a *missão* dada por Deus, cumprida nas instituições policiais.

O discurso vinculado coloca a guerra ao tráfico de entorpecentes, e toda violência produzida em torno dela, como característica da sociedade brasileira atual, não tendo alternativas as corporações a não ser o enfrentamento armado. Por outro lado, esses policiais que, enquanto vivos, confrontaram pela paz, mortos promovem a paz pela conversão de espíritos “não iluminados”, ou na linguagem espírita “*malfeitores*”, – sendo, em alguns casos, o dos seus próprios algozes. A paz, nos planos espirituais, ao contrário do plano terreno, não seria fruto da guerra, mas do *trabalho* e do desenvolvimento de uma *missão* dedicada ao amor e caridade. Se no plano terreno, a *missão* é preparar-se para a guerra, no plano espiritual o trabalho é pela salvação de almas e pela construção da paz.

Há proximidades nas trajetórias dos policiais coautores do livro. Thiago e André eram policiais civis e residiam, quando *encarnados* no *plano material*, na capital fluminense. O contato de seus pais com o médium Rogério H. Leite ocorreu através das caravanas realizadas do Rio de Janeiro para Lorena, com a participação do grupo inicial que se reuniu para organizar as sessões do médium na cidade do Rio de Janeiro. As famílias de Maurício e Carlos Henrique, ambos policiais militares, residem no estado de São Paulo. O contato dos pais e irmãs dos dois com o médium Rogério H. Leite também aconteceu através de uma caravana para a cidade de Lorena – *A Caravana da Paz Mães do Caminho*.

Na família dos policiais Carlos Henrique e Maurício, eles não eram os únicos a trabalhar na Polícia Militar do Estado de São Paulo. Daniele, irmã de Maurício, e Clóvis, pai de Carlos Henrique, fazem parte da corporação. Nos depoimentos e nas psicografias é ressaltada a influência deles na escolha da profissão pelos policiais desencarnados. Daniele, em seu depoimento no livro, relata que não imaginava que ao decidir ser policial em 2001, influenciaria o seu irmão a também ingressar na corporação, em 2003. Para ela, o retorno do seu irmão ao *mundo espiritual* despertou nela a *espiritualidade* e a *curiosidade em saber o que há além do corpo físico*. Em seu depoimento, ela faz questão de destacar que o trabalho desenvolvido pelo

irmão, junto com sua mãe, tem ensinado-lhe muito. Em seu depoimento, ela se dedica a ressaltar as qualidades do irmão e a felicidade de ter convivido com ele. O *trabalho espiritual*, desenvolvido por ele – com o auxílio de sua mãe –, está voltado para o amparo de policiais que desencarnaram no exercício da função, ou em situação semelhante à dele – durante um assalto. Daniele, assim como sua mãe Joana D’arc, ressalta que o ímpeto de ajudar os outros sempre esteve presente nas atitudes de Maurício, desde quando ele estava *encarnado*. Em seu depoimento, a policial Daniele em nenhum momento fala sobre revolta, vingança ou busca por justiça a morte do irmão. Suas palavras são de amor e gratidão por ter tido o privilégio ter convivido, e conviver, com Maurício.

O pai do policial militar Carlos Henrique, por sua vez, exerce a função de instrutor de tiros. Em mensagem psicografada, Carlos Henrique diz que a escolha profissional do pai o influenciou na decisão de ingressar na carreira.

Paz sempre!

Desde cedo ao lado de uma família bem constituída eu soube contemporizar a alegria de viver os inesquecíveis momentos de descontração, naturais a todos os jovens, com o idealismo que germinava em mim a partir dos exemplos de meu pai.

Integrante da Corporação da Polícia Militar, instrutor de tiros e táticas policiais, ele conseguia ser o pai que desejávamos; eu e minha irmã e o companheiro alegre e festivo de minha mãe, sem que a sua função o inibisse de ser espontaneamente o que era e continua sendo.

Nem mesmo o meu retorno pra cá de uma maneira tão violenta, quanto inesperada, o impediu de prosseguir no idealismo que o caracteriza agora somado a sua vinculação a filosofia espírita que tem descerrado aos seus olhos um contexto de realidade que talvez em outras circunstâncias ele não se aprofundasse.

Que o fato ocorrido em Santa Izabel, que determinou o meu regresso para cá não seja visto como uma tragédia irreparável.

Tenho plena ciência que no início, em meio aos fatos, a minha família ficou abalada e o pesar tomou conta daquela casa cujos registros de afetividade e boa convivência familiar são marcantes.

Porém soubemos nos **sobrepôr ao sentimento equivocado da per-**

da, e nos colocamos novamente a frente de novos embates dos quais ninguém se furtará neste ***mundo de provas e expiações***.

A diferença é que vinculado aos nossos ideais de civilidade e de patriotismo, adotamos o ideal da solidariedade espiritual que nos irmanam a todos (Mensagem de Carlos Henrique, psicografada pelo médium Rogério H. Leite, presente no livro “Políciais de Volta”: pp.107-108, grifos meus).

Em uma passagem do livro, o médium descreve os quatro coautores do livro. A descrição acima demonstra o quanto que eles são hierarquizados pelo médium. Enquanto Thiago é descrito como *protótipo do homem de bem*, com riqueza de detalhes. Os outros são descritos de forma mais sucinta. Maurício se destacaria também devido ao trabalho que ele realiza junto com sua mãe Joana D’arc. Os outros dois policiais são descritos como policiais dedicados e empenhados na função. Maurício e Thiago, como aparecem nas mensagens – e segundo a própria Francilene me contou –, não queriam seguir na profissão de policiais. Ambos cursaram o curso de direito. Thiago queria ser delegado, antes de morrer havia passado em dois concursos para exercer tal função. Maurício queria ser advogado.

Após a descrição dos perfis, Rogério interpreta esses casos a partir dos ensinamentos do livro “O que é o espiritismo”, de Allan Kardec. Em uma das interpretações que ele desenvolve, o médium levanta o questionamento sobre se o espírito se interessa pelos trabalhos inacabados no *plano material*. Rogério elabora a seguinte análise:

De fato os Benfeitores amigos tem nos assegurado ao longo dos anos de exercício mediúnico que a ocupação dos espíritos do outro lado da vida está relacionada à sua natureza, aos seus pendores, à sua **vocação**.

É muito comum que os espíritos que se destacaram na área da Medicina na Terra na condição de **Médicos humanitários** continuem exercendo esta função do outro lado da vida ou mesmo atuando no plano físico ***inspirando colegas que possuam o mesmo idealismo***. Desta forma, professores, policiais, enfermeiros e outros em conformidade com suas vocações. É óbvio que os espíritos ao longo de suas experiências no corpo físico ou fora dele irão ***alternando suas***

ocupações para ganharem maior expansividade, ocupacional e intelectual. O amor em ação de mãos dadas ao trabalho fraternal e solidário é o caminho que leva à Deus (Parte retirada do livro “Policiais de Volta” de Rogério Leite, 2011, pp.88-89, grifos meus).

As análises do médium, seu projeto e a forma como ele define sua *missão* são fatores cruciais que direcionam a atuação dos grupos de familiares de vítimas da violência urbana – principalmente no caso das famílias dos policiais aqui apresentadas – trazendo, para o debate, novas narrativas sobre o “problema da violência” com o intuito de propor soluções para a questão. As práticas espíritas elaboradas por essa rede de médiuns, famílias e *espíritos desencarnados* estabelecem projetos civilizatórios baseados no controle das emoções e na promoção da paz através da caridade e da limpeza moral através do trabalho realizado no *plano espiritual*. Desse modo, trabalho terreno e trabalho espiritual contrapõem-se, configurando linguagens de guerra e linguagens de paz, promovendo novos itinerários de adesão subjetiva a “*Cultura da Paz*” nas metrópoles brasileiras.

ALGUMAS CONCLUSÕES

A transformação do luto, principalmente quando esse advém de uma perda considerada irreparável – fruto de uma ruptura brusca e violenta –, requer dos sujeitos estratégias para habitar novamente os espaços de dor e sofrimento. Nesse sentido, este artigo veio ressaltar a elaboração das emoções a partir da junção de discursos e projetos espíritas na metrópole carioca.

O trabalho humanitário, realizado no plano material, seria uma continuação de um processo civilizatório, de controle das emoções e mudança de hábitos e condutas, vivenciado pelos policiais e suas famílias. Vocação, missão e trabalho são categorias chaves articuladas por essa rede espírita em seus processos de controle dos sentimentos negativos e superação do luto. O médium Rogério Leite e seu projeto reforçam, desse modo, os ideais humanitários da doutrina espírita que através do conceito de evolução se fundamentam nas noções de progresso – termo caro aos processos civilizatórios le-

vados a cabo no Ocidente. No contexto da violência urbana, as ações de amparo, caridade e perdão descritas nas mensagens desses policiais teriam por objetivo promover a limpeza da figura do policial. O policial, segundo as ações desses jovens, não deveria se dedicar apenas ao confronto, mas realizar trabalhos preventivos, voltados a ressocialização de pessoas envolvidas no comércio e consumo de entorpecentes.

A rede de apoio fomentada pelas famílias espíritas, suas ações em conjunto com encontros religiosos e a convivência de amizade desses familiares representam experimentos com a vida. Buscas compartilhadas de produção de narrativas que vislumbram um horizonte comum de possibilidades de reconstruir o presente.

Estratégias e ações são acionadas, agenciamentos que surgem como espectro de possibilidades, capazes de permitir um retorno ao cotidiano. Durante a pesquisa, a percepção é a de que a rede espírita desempenha um papel importante nos processos pessoais de retorno ao passado, construindo narrativas presentes que se configuram como possibilidades de habitar espaços de dor, a partir de novas rotinas. Ao forjarem uma comunidade moral, esses pais e mães compartilham experiências, criam novos hábitos e novas redes de sentido, baseados no controle das emoções e em um processo civilizador.

Há um entrecruzamento de projetos que levam essas famílias a desenharem alternativas de promoção da paz amparadas em redes e ações de intervenção nos planos espirituais e terreno. Roteiros reconfigurados que traçam narrativas múltiplas sobre a cidade carioca para além da metáfora da guerra e, desse modo, surgem como alternativas para a construção de uma “*cultura da paz*”, através da união de espaços e atores políticos e religiosos.

Ao narrar os diferentes *tempos* vivenciados por esse grupo, e suas relações estabelecidas com médiuns espíritas, meu intuito foi demonstrar suas trajetórias de superação da dor e do sentimento de vingança e suas estratégias de habitar o cotidiano – permeado por ambiguidades e contradições. O modo específico como essas trajetórias se articulam com intervenções na questão da violência urbana demonstra a multiplicidade de soluções criativas que surgem como possibilidades de habitar a metrópole carioca, mesmo com todos os

conflitos que a constitui. Nesse sentido, as ações desse coletivo, com seus trânsitos e circuitos, expandem as fronteiras entre o público e o privado, alicerçando “comunidades morais” entre

mundos e projetos, modificando as dinâmicas e mapas políticos da cidade. A forma original como essa rede elabora suas alternativas de promoção da paz, expandindo suas relações familiares e afetivas para os planos de transcendência, se relaciona aos mecanismos de gestão da vida e da morte nessa metrópole. Ao acionar dispositivos políticos e religiosos, esse coletivo elabora linguagens e práticas distintas de adesão à cultura da paz.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, A. R. Considerações introdutórias sobre territorialidade e mercado na conformação das unidades de polícia pacificadora no Rio de Janeiro. *Revista Brasileira de Segurança*, São Paulo, v.6, n.2, p. 256-265, 2012.
- BIRMAN, P. Cruzadas pela Paz: práticas religiosas e projetos seculares relacionados à questão violência no Rio de Janeiro. *Religião & Sociedade*, Rio de Janeiro, v.32, n.1, 209-226, 2012.
- _____. Movimentos cívico-religiosos no Rio de Janeiro e alguns de seus impasses: o caso do Mural da Dor. P. Birman e M. P. Leite (orgs.). In. *Um Mural para a Dor*. Porto Alegre: Editora UFRGS, p. 221-286, 2004.
- _____; LEITE, M. P. *Um mural para a Dor* movimentos cívico-religiosos por justiça e paz. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2004.
- ELIAS, N. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.
- LEITE, M. P. Entre o individualismo e a solidariedade: dilemas da política e da cidadania no Rio de Janeiro. *Rev. Bras. Ci. Soc.* [online], v.15, n.44, p. 43-90, 2000
- _____. As mãos em movimento. In. *Um Mural para a Dor*: movimentos cívico-religiosos por justiça e paz. (Org.) LEITE, M. e BIRMAN, P. Porto Alegre: Editora da UFRGS, p. 141-190, 2004.
- MACHADO DA SILVA, L. A. *Vida sob cerco*: violência e rotina nas favelas do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- _____; LEITE, M. P. Violência, crime e política: o que os favelados dizem

quando falam desses temas? *Sociedade e Estado*, Brasília, v.22, n.3, p. 545-591, set/dez, 2007.

MAZUR, E. M. Família, laços familiares em um contexto espiritualista. In. *Família e Religião*. DUARTE, L. F. D; HEILBORN, M.L; BARROS, M. L. & PEIXOTO, C. (orgs.) – Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, p.151-168, 2006.

MISSE, M. *Crime, sujeito e sujeição criminal*: aspectos de uma contribuição analítica sobre a categoria “bandido”. Lua Nova, São Paulo, n. 79, p. 15-38, 2010.

_____. Sujeição criminal: quando o crime constitui o ser do sujeito. In. *Dispositivos e tramas dos viventes*: ordens e resistências. BIRMAN, P., LEITE, M. P. ; MACHADO, C.; CARNEIRO, S. (orgs.) – Rio de Janeiro: Editora FGV, p. 77-92, 2015.

SOARES, L. E. Sociedade civil e movimentos sociais no mundo globalizado. *Comunicações do ISER*, Rio de Janeiro, n. 49, p. 13-20, 1998.

STOLL, S. J. Religião, ciência ou auto-ajuda? Trajetos do Espiritismo no Brasil. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 45, n. 2 p. 361-402, 2002.

_____. Narrativas biográficas: a construção da identidade espírita no Brasil e sua fragmentação. *Estudos Avançados*, v.18, n.52, p. 181-199, 2004.

_____. Dos mortos e sua volta: biografia e família na literatura espírita. *Debates do NER*. Porto Alegre, ano 10, n. 15, p. 151-174, jan./ jun. 2009.

Bibliografia Espírita utilizada como fonte:

LEITE, R. H. *Policiais de Volta*. Lorena/SP, 2011.

XAVIER, F. C. *Nosso Lar*. Brasília, 2014